

A LINGUAGEM COMO FORMA DE INTERAÇÃO EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS EXERCÍCIOS DO GÊNERO HQ E LIVROS DIDÁTICOS.

Lorena Stefane Pinheiro Sena Martins¹

Márcia Cristina Greco Ohushi²

RESUMO

Desde a década de 1970, o Livro Didático (LD) permanece atuando como material auxiliar essencial em sala de aula para muitos professores. Com isso, embora tenhamos observado várias inovações no modo como se ensina a língua portuguesa (LP), ainda é frequente a permanência de concepções tradicionais da linguagem, encontradas e repercutidas durante as décadas, especialmente por intermédio dos próprios LD, dificultando, então, os possíveis avanços no ensino. Sob essa perspectiva, o principal objetivo deste trabalho é analisar se os novos tipos de atividades propostos nos últimos anos, com foco em uma história em quadrinhos (HQ), têm sido abordados de maneira que considere o contexto atual a partir do paradigma da 3ª concepção de linguagem. O método utilizado para a realização desse trabalho consiste em analisar qual das três concepções tem maior destaque nas perguntas relacionadas à tira intitulada “Quase nada” (Fábio Moon e Gabriel Bá), presente no LD “Se liga na língua”, publicado no ano de 2016 para o 1º ano do Ensino Médio, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi.

Palavras-chave: Livros didáticos; Concepções de linguagem; Ensino.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De acordo com os estudos desenvolvidos nos últimos anos a partir das demarcações linguístico filosóficas do círculo de Bakhtin, e dos estudos ampliados por Geraldini (2011) no Brasil, as concepções de linguagem fazem parte da vida escolar de todo aluno e professor desde os anos 1960, conduzindo-os em seu processo de ensino e aprendizagem, de maneira eficiente ou não, para melhor domínio e compreensão da língua materna.

Por outro lado, nos anos 1970, por decreto da Lei 5692/71, surgem os LD, principais ferramentas de ensino que vigoram mesmo nos dias atuais. Estes “tornaram-se os grandes

¹ Graduanda do Curso de Letras-Português da Universidade Federal do Pará – UFPA, lorena.sena@castanhal.ufpa.br;

² Professora Orientadora: Doutora, Universidade Federal do Pará – UFPA, marciagreco@ufpa.br.

aliados dos professores, já que vinham com diversos e variados exercícios (...)” (Zanini, 1999, p. 81). Nesse sentido, as HQ’s, gênero cada vez menos utilizado no dia a dia, mas encontrado facilmente nos LD, são materiais essenciais para o ensino da LP, visto que podem oferecer ao aluno a oportunidade de construir o interesse pela leitura e desenvolver o pensamento crítico e autônomo a partir da orientação e dos exercícios propostos adequadamente, possibilitando-lhe compreender, comunicar-se e interagir com o meio em que vive apesar dos traços de concepções tradicionalistas repercutidas ainda hoje pelos mesmos LD.

A escolha apropriada de exercícios que estimulem o aluno é de total responsabilidade docente. Bakhtin afirma que “quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente o empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (...), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação” (Bakhtin, 2003 [1979], p. 285 *apud* Fuza, Ohuschi, Menegassi, 2020, p. 24), deste modo, é relevante dizer que para haver esse domínio apresentado, os tipos de exercícios recomendados nos LD são de extrema importância para o professor analisar e escolher cuidadosamente, pois atuam como principais ferramentas de ensino dentro da sala de aula.

O LD escolhido foi o “Se liga na língua”, do 1º ano do Ensino Médio, de Ormundo e Siniscalchi; em seguida, selecionamos a tira “Quase nada”, de Fábio Moon e Gabriel Bá. A metodologia que conduziu essa pesquisa consistiu em observar qual das três concepções tinha maior destaque nas atividades da HQ de nossa escolha, e, ao analisá-las, a partir de teóricos como Volóchinov (2017 [1929]), Geraldi (2011), Zanini (1999), Perfeito (2010) e Fuza, Ohuschi e Menegassi (2020), verificar como a 3ª concepção, se predominante, é evidenciada conforme as necessidades estudantis da atualidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Concepções de linguagem

Conforme Fuza, Ohuschi e Menegassi (2020), originalmente, as concepções de linguagem foram demarcadas em diferentes momentos ideológicos pelo círculo de Bakhtin por *Subjetivismo Idealista*, *Objetivismo Abstrato* e *concepção Dialógica de Linguagem*. O linguista Volóchinov, um dos principais integrantes desse círculo, criticou veementemente as duas primeiras tendências filosóficas ao defender a língua como um fenômeno social e dialógico, que é moldado pelas relações sociais e pela ideologia de cada indivíduo.

Posteriormente, para se enquadrar na real conjuntura do ensino brasileiro, esses termos e conceitos foram desdobrados e renomeados por Geraldi com os nomes: *Linguagem como expressão do pensamento*, *Linguagem como instrumento de comunicação* e *Linguagem como*

forma de interação. E são essas concepções “atualizadas” que irão nortear as observações deste trabalho.

A linguagem como expressão do pensamento

A década de 1960, considerada por Zanini (1999) como a “década dos conceitos”, se caracterizou por um modelo de ensino que enfatizava a Linguagem como expressão do pensamento (que, por questões didáticas, denomina-se 1ª concepção). Essa concepção tinha como principal aparato de ensino o compartilhamento de conceitos que transpunha e ignorava o contexto do aluno e o seu pensamento crítico.

Para Zanini (1999), foram os anos em que “o indivíduo, para ganhar o mundo, precisava dominar informações que revelavam seu conhecimento face a um determinado conteúdo”, ou seja, com o conhecimento internalizado, o receptor da mensagem/contéudo o aceitava e o reproduzia sem poder refletir ou questionar, mantendo uma posição neutra e objetiva. Isso lhe afastava da compreensão do real sentido das informações e lhe submetia a uma doutrina *normativa* do certo e do errado, apontada por Perfeito (2010), consolidando um ensino que “memorizava” conceitos e regras para reproduzi-las automaticamente.

A linguagem como instrumento de comunicação

Pouco depois, já na década de 1970, o livro didático passou a ser o principal material de auxílio escolar naquela que, para Zanini (1999), ficou conhecida como a “década dos modelos”. A lei 5692/71 “deixava clara a concepção de linguagem que previa um sujeito capaz de internalizar o saber, que estava fora dele, por meio da repetição, de exercícios que estimulassem a resposta, de forma que ele ‘seguisse o modelo’ ” (Zanini, 1999, p. 81), com isso, o que era para ser apenas um exemplar de apoio docente, tornou-se objeto de dependência e de um ensino majoritariamente repetitivo e, portanto, superficial, revelando mais uma visão limitada de ensino: a Linguagem como instrumento de comunicação (2ª concepção), cuja problemática provinha de que o professor, não extrapolando os limites do ‘contéudo’ dos livros didáticos “se limitou, na maioria das vezes, a segui-los (LD) sem muita contestação, e a cumprir o programa que eles determinavam” (Zanini, 1999, p. 81), baseando-se, então, em uma abordagem estruturalista mecanizada.

A linguagem como forma de interação

Para Zanini (1999), o ano de 1980 tornou-se a “década dos discursos”, no qual se tentou encontrar maneiras de ensinar que fugissem de modelos tradicionais, ao que ela afirma ser “o momento, pois, de reconhecermos que não há como ensinar e aprender palavras sem aprender os seus sentidos, de que a simples e vazia forma de repetir modelos não significa compreensão, e de que a formação não se simplifica em habilidades no manuseio de máquinas e de

instrumentos, a fim de que entendamos a necessidade de redefinir os objetivos do ensino/aprendizagem de língua materna” (Zanini, 1999, p. 83).

Surge, então, em 1990, a “década da interação”, na qual considera-se os diferentes saberes e percepções de mundo, partindo do pressuposto de que “cada sujeito constrói a sua própria história e, assim, a sua concepção de mundo, repensando e refletindo as experiências vividas, concebemos sujeitos com diferentes saberes” (Zanini, 1999, p. 83).

Desde então, o modelo educacional fundamenta-se em uma interação com o meio, com a história e com a própria língua, visando garantir ao aluno condições de dominar o seu discurso e se comunicar de acordo com seu tempo em diferentes espaços de interação.

ANÁLISE DOS EXERCÍCIOS

Atividade da página 146 do livro “Se liga na língua”, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, publicado no ano de 2016:



1) O texto dos quatro primeiros quadros refere-se a um sujeito **em terceira pessoa**.

a) Identifique a quem se referem os comentários.

Apesar de o aluno interagir com o texto, ao ter que identificar o sujeito que está em terceira pessoa, ele precisará responder a partir de um conhecimento antes “internalizado” que segue as normas da língua, assim, a questão faz parte do modelo da 1ª concepção. Perfeito postula que esta “(...) enfatiza a gramática teórico-normativa: conceituar; classificar, para, principalmente, entender e seguir as prescrições (...)” (Perfeito, 2010, p. 13), isso quer dizer que para o aluno encontrar a resposta dessa pergunta, ele precisa ter estudado esse conteúdo e entendê-lo de acordo com as suas regras. Logo fica claro que a questão pressupõe que ele já saiba quem é sujeito, o que é terceira pessoa, etc.

b) *Que imagem desse sujeito o leitor constrói ao ler a descrição apresentada nos três primeiros quadrinhos?*

c) *Essa imagem coincide com o que os quadrinhos mostram? Por quê?*

As duas perguntas pautam-se na 3ª concepção, uma vez que a opinião do leitor, após este interagir com o texto, é levada em consideração, trazendo novos sentidos e formas de se expressar sobre ele, tornando-o, assim, uma peça tão importante para o texto quanto o autor. Perfeito reforça essa ideia ao afirmar que “na concepção interativa de linguagem, a leitura é vista como coprodutora de sentidos. O leitor, nesse contexto, ganha o mesmo estatuto do autor e do texto” (Perfeito, 2010. p. 26), essas características são perceptíveis nas duas questões quando é pedido que o aluno expresse seu o ponto de vista sobre os quadrinhos e, em seguida, que correlacione tudo, sem deixar de explicar o porquê. Desse modo, há uma interação constante entre texto, autor e o aluno (no papel de coautor).

Nessa HQ algumas falas aparecem como legenda, e outras, como balão de fala.

a) *De quem é a voz que aparece nas legendas?*

b) *Por que foram utilizados balões no último quadro?*

Sobre a 1ª concepção, Zanini afirma que “(...) o indivíduo (...) precisava dominar informações, que revelavam seu conhecimento face a um determinado conteúdo” (Zanini, 1999. P. 80), dessa forma, as duas perguntas seguem o modelo da linguagem como expressão do pensamento, pois para o aluno respondê-las, ele não irá necessariamente interagir com o texto, mas precisará demonstrar seus conhecimentos sobre o gênero HQ no que se refere aos balões que diferenciam a voz do narrador e personagem.

c) *Na fala do último quadrinho, é criado um efeito de contraste. Explique essa afirmação.*

d) *O que esse contraste sugere sobre a vida do personagem?*

Segundo Fuza, Ohuschi e Menegassi, é possível constatar a presença da 3ª concepção de linguagem em situações as quais “o leitor competente produz sentidos e não apenas os extrai do texto” (2020, p. 26), logo, as duas perguntas acima seguem o modelo da linguagem como forma de interação, uma vez que estimulam o aluno a analisar/interagir com o texto e refletir sobre os aspectos que constituem a tira, de modo a enriquecer sua competência de leitura ao desenvolver, a partir daí, sua compreensão sobre os elementos apresentados.

2) *Em sua opinião, qual seria o principal objetivo dessa HQ?*

3) *As cores usadas influenciam a percepção do conteúdo e do objetivo da HQ? Justifique.*

Atividades da 3ª concepção, visto que o objetivo delas resume-se em propor uma reflexão sobre um comportamento social notório na atualidade: a dependência do mundo virtual

em detrimento do real; e a persuadir o aluno a enxergar a influência das cores na HQ e demonstrar como elas também são aspectos fundamentais para transmitirem a mensagem do texto. Desse modo, o olhar crítico do aluno é delineado para “perceber a incompletude do que está exposto no papel, o sujeito age ativamente, traz para o texto seus conhecimentos e utiliza a palavra do outro para formular a sua própria, a produzir um elo entre o que já foi dito e o novo” (Fuza, Ohuschi e Menegassi, 2020, p. 26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, pôde-se observar que os exercícios da HQ “Quase nada” seguiram um parâmetro predominantemente interacional, ou seja, de 3ª concepção. Apesar da presença da 1ª concepção em algumas questões, deve-se considerar o professor, no papel de mediador de ensino, responsável por assegurar que isso não seja um problema para o progresso estudantil, suprimindo as limitações dos LD com uma postura baseada no paradigma da 3ª concepção, que transmite um ensino mais contextualizado e acessível, o que propicia ao aluno melhor compreensão e desenvolvimento do que se pede.

Conclui-se, portanto, que é pertinente determinar exercícios envolvendo HQ's como convenientes à demanda das práticas educacionais do nosso momento histórico atual, pois possibilitam ao professor, mesmo com todos os desafios enfrentados no ensino brasileiro e, principalmente, em sala de aula, “oferecer condições para que o aluno aja”, pense e expresse, com estabilidade e segurança, a sua língua materna e sua percepção de mundo, estimuladas pela tentativa de lhe fazer perceber a necessidade de se refletir o contexto a que está inserido e construir um olhar crítico sobre tudo que lhe cerca.

REFERÊNCIAS

- FUZA, A. F.; OHUSCHI, M. C. G; MENEGASSI, R. J. **Interação e escrita no ensino de língua**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- GERALDI, J.W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011.
- MENEGASSI, R. J; SANTOS, A. R; RITTER, L. C. B (ORG.). **Concepções de linguagem e ensino**. Maringá: Eduem, 2010.
- ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua**: literatura, produção de texto, linguagem. São Paulo: Moderna, 2016 (1ª edição).
- VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário: Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 (2ª edição).
- ZANINI, M. Uma visão panorâmica da teoria e da prática do ensino de língua materna. **Acta Scientiarum**, v. 21, n. 1, 1999.